



Percepções acerca da presença de afrodescendentes no Piauí: relações, conflitos e cultura (XVII-XIX)

Carlos Eduardo da Silva Mendes¹

Graduando em História (UFPI)



<https://orcid.org/0009-0006-9176-4621>

Recebido em: 15 de janeiro de 2025

Aprovado em: 25 de maio de 2025

RESUMO

O presente trabalho explora os aspectos das africanidades constituídas no contexto dos diálogos atlânticos e sua inserção nas dinâmicas sociais, culturais e econômicas do Brasil, com ênfase na região do Piauí. Nesse contexto, o estudo investiga como as práticas culturais africanas e indígenas, suas cosmologias e modos de vida foram ressignificados no território piauiense, moldando relações sociais e culturais específicas da região. A pesquisa também problematiza a invisibilidade histórica frequentemente associada à presença afrodescendente no Piauí, trazendo à tona narrativas e experiências que ajudam a compreender a complexidade das interações entre africanos, afrodescendentes e outros grupos sociais ao longo dos séculos. Por fim, o estudo busca fortalecer a valorização da contribuição afrodescendente para a formação da cultura e da sociedade piauiense, promovendo uma reflexão crítica sobre memória, pertencimento e identidade cultural.

¹ Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Email: eduardomendes2022@ufpi.edu.br



PALAVRAS-CHAVE

História; Afrodescendentes; Piauí;

Introdução

Trataremos aqui dos aspectos das africanidades constituídas no universo dos diálogos atlânticos e sua chegada em terras brasileiras, ressaltando a multiplicidade de experiências históricas e as especificidades piauienses no debate sobre a formação de identidades culturais afro-brasileiras. Para fundamentar essa discussão, o trabalho se apoia em uma ampla base bibliográfica composta por livros, textos e artigos de historiadores piauienses, além de estudos nacionais que discutem a presença africana e afrodescendente no Brasil. Essa abordagem permite uma análise detalhada e contextualizada das especificidades do Piauí, contribuindo para ampliar o debate sobre a história da africanidade no Brasil e sua relevância para a construção das identidades culturais da região.

Na dissertação “SERTÕES INDÔMITOS”: COMÉRCIO, DOENÇAS E PRÁTICAS DE CURA NA CAPITANIA DO PIAUÍ - SÉCULO XVIII² de Gutiele Gonçalves dos Santos, podemos ver que o interesse na ocupação dos territórios piauienses,

² SANTOS, G. “*Sertões indômitos*”: comércio, doenças e práticas de cura na Capitania do Piauí - Século XVIII – Rio de Janeiro: s.n., 2022.



visava algo grande, visava a possibilidade de encurtar as distâncias, expandir o poder real e criar conexões de um território ao outro.

Tanto o comércio de escravizados por mar e por terra, quanto o comércio do gado vacum e cavalar na capitania do Piauí foram responsáveis por aumentar o fluxo de pessoas na região. Esses movimentos geraram impactos sociais, econômicos e sanitários, como o aumento demográfico, dos conflitos e das doenças, além da circulação de narrativas em torno das enfermidades que se intensificaram em decorrência desses encontros entre sujeitos de diversas partes do mundo. (SANTOS, 2022, p.11)

Nesse viés, podemos observar que entre os anos de 1772 e 1774 houve um aumento populacional, tanto em Parnaíba quanto em Oeiras do Piauí. Esse levantamento é mostrado por Antônio José Morais Durão, Ouvidor do Piauí (1770-1777).

Tabela 1 - Relação das pessoas da cidade de Parnaíba e seu distrito (1772-1774)

Total de habitantes: 2.639

	Pretos		Mestiços		Vermelhos		Mamelucos		Brancos		Mulatos	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Homens	508	19,24	283	10,72	154	5,83	179	6,78	90	3,41	243	9,2
Mulheres	299	11,33	215	8,14	186	7,04	129	4,88	161	6,1	192	7,27
Total	807	30,57	498	18,86	340	12,87	308	11,66	251	9,51	435	16,47

Fonte: Reprodução da tabela disponível no Ofício do ouvidor do Piauí, Antonio José Morais Durão, 15 de junho de 1772. AHU-Piauí, ex. 10, doc.17 AHU_CU_016, Cx. 12, D. 684, p.574



Tabela 2 – Relação das pessoas da cidade de Oeiras e seu distrito (1772 – 1773)

Total de habitantes: 5.600

	Pretos		Mestiços		Vermelhos		Mamelucos		Brancos		Mulatos	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Homens	1410	25,17	134	2,39	244	4,35	99	1,76	618	11,003	597	10,66
Mulheres	94	1,67	134	2,39	359	6,41	945	16,87	558	9,96	408	7,28
Total	1504	26,84	268	4,78	603	10,76	1044	18,63	1176	20,99	1005	17,94

Fonte: Reprodução da tabela disponível no Ofício do ouvidor do Piauí, Antonio José Morais Durão, 15 de junho de 1772. AHU-Piauí, ex. 10, doc. 17AHU_CU-016, Cx. 12, D. 684, p.568

Após a visualização da tabela, constata-se que, a maior parte da população das duas cidades era composta principalmente por pretos. Em Oeiras, 26% da população era negra, e segundo Durão esse número poderia ser ampliado, se considerarmos que os mestiços e mulatos eram descendentes de pretos. A porcentagem de brancos era de apenas 9% em Parnaíba e 20% em Oeiras. Ou seja, é perceptível que as sociedades coloniais eram cidades negras e indígenas. É explicado por Flávio Gomes e João Reis que:

As pessoas escravizadas marcaram profundamente os costumes, o imaginário, a cultura, a sociedade e, através de uma intensa miscigenação, sobretudo forçada, moldaram a composição étnico-racial da população (GOMES e REIS, 2021, p. 4)³.

Isso é, a predominância de povos pretos e indígenas, gerou uma grande diversidade dentro da sociedade, não só no viés racial como cultural e em seus costumes.

³REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (Org). *Revoltas escravas no Brasil*. Companhia das Letras, 2021.



Uma obra publicada em 1818 pelo português Francisco Gayoso chamada “Tabuada das misturas” que foi inspirada no livro *History of America* do escocês William Robertson, mostra como se davam as denominações de cores aqui já faladas. Como o nome da obra já explicita, tratava-se da soma de cores que geravam uma nova, o resultado dessas somas como posto na tabuada, gerava “brancos” e “negros”.

Entrando no contexto do “descobrimento” do Piauí, que assim como várias outras colônias, não começa sua história a partir da invasão dos colonizadores, Niéde Guidon mostra que as terras piauienses já eram habitadas, “Em síntese, pode-se admitir que, penetrando no país por via ainda desconhecida, grupos humanos chegaram até o sudeste do Piauí há cerca de 60 mil anos”⁴. Gutiele Gonçalves nos mostra que vários grupos indígenas já habitavam as terras piauienses:

Antes mesmo dos primeiros relatos dos portugueses sobre a região que hoje conhecemos por Piauí – nome indígena, que referia-se ao rio “Piauí” eixo hidrográfico que possibilitava a penetração naquela região – já havia a presença de inúmeros grupos indígenas, como: Pimenteiras, Pracatis, Gueguês, Tapuias, Jaicós, Acoroás, Timbiras, Aroachises, Acuruás, Tramambés, Aranhês, Carapotangas, Aroquanguiras, Precatiz, Rodeleiros, Beçudos, Bocoreimas, Cupequacas, Cupicheires, Gutamenz, Goiais, Anicuaz, Aranhês, Corerás, Aitetus, Abetiras, Beirtés, Goaras, Macamasus, Nongazes, Anassus, Alongás, Aruás, Ubatês, Meatanz, Corsiãs, Lanseiros, Arayes, Acumez, Goaratizes, Jendoiz, Ycos, Urius, Cupinharões.(SANTOS, 2022, p. 25)⁵

⁴GUIDON, Niéde. As ocupações pré-históricas do Brasil (excetuando a Amazônia). In: CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras/Secretaria Municipal de Cultura/FAPESP, 1992. p. 41.

⁵SANTOS, G. “*Sertões indômitos*”: comércio, doenças e práticas de cura na Capitania do Piauí - Século XVIII – Rio de Janeiro: s.n., 2022.



Contudo, ainda se fortaleceu a ideia de que o sertão era um grande vazio que só foi preenchido com a expansão portuguesa, com a chegada dos bandeirantes. Para os portugueses, o sertão era um espaço oculto localizado no interior dos seus domínios, distante do mar e repleto de perigos, e, portanto, deveria ser explorado, colonizado e civilizado, mas, para quem já habitava, ou seja, para os nativos daquelas terras, os sertões era um espaço rico em possibilidades e acima de tudo que proporcionava a sobrevivência em múltiplas formas, inclusive foi bastante utilizado como estratégia de fuga dos indígenas e negros. Os quilombos e os mocambos localizados nos sertões são grandes exemplos de estratégias forjadas por negros e indígenas (GOMES, 2015). Esses Quilombos ou mocambos eram comunidades formadas por escravos fugidos da escravização. Esses lugares se transformaram em centros de resistências dos escravos negros que escapavam do trabalho forçado no Brasil.

O ex-ouvidor Geral da capitania do Piauí, José de Barros Coelho, informava em 1733, que a maior dificuldade de ir do Piauí para a Bahia eram os caminhos incertos e perigosos, eles tinham sempre que estar armados, pois passariam por “mocambos de pretos e gente bandoleira”. Os mocambeiros viam esse espaço como local de autonomia, de liberdade e onde poderiam reconstruir suas vidas, um lugar de solidariedade. Na capitania da Bahia, os mocambos que existem por toda parte, preocupando autoridades e donos de engenhos, também inventaram sua liberdade. Procurando apoio de índios, escravos, vendeiros e camponeses muitos conseguiram resistir às medidas anti mocambos (GOMES, 1995).



Todavia, a escravidão não era o único mal que rondava naquela época, as doenças eram outro grande empecilho na vida não só dos escravos, como também dos europeus, mas principalmente na dos escravos. Como sabemos nas épocas passadas, não havia o suporte da medicina, de remédios ou qualquer defesa contra as doenças, a busca pela cura girava em torno dos saberes europeus, africanos e indígenas. Tendo isso em vista, as doenças predominam principalmente entre os escravos. Fatores como condições de trabalhos, maus tratos, má alimentação, exposição aos perigos do sertão, o ataque de animais selvagens, picadas de insetos e o clima quente foram fatores preponderantes e incidiram no desenvolvimento das enfermidades. Ao analisar essas informações conseguimos perceber que o contato entre esses povos juntamente com essas características colocadas acima foi o que aumentou a disseminação das pestes, pois antes desse contato esses povos conseguiam lidar com as doenças antes existentes, cada um com sua maneira.

No entanto, o geógrafo Alfred Crosby sugere que os europeus foram responsáveis por levar para as Américas, pessoas, alimentos, animais domésticos e sobretudo as doenças, contaminando diversas localidades do mundo durante o período de colonização. Em contrapartida, a historiadora Alida Metcalf⁶ visa que o contato entre regiões antes isoladas - por meio de guerras, comércio, migrações ou colonização - criou um terreno fértil para a disseminação de doenças. Novas rotas comerciais, assim como guerras,

⁶ METCALF, Alida C. *Os papéis dos intermediários na colonização do Brasil 1500-1600*. tradutor: Pablo Lima, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2019.



fomentaram mais contatos e a difusão de epidemias. Visão essa que demonstra bastante autenticidade e coerência.

Observamos no artigo: “UMA ECONOMIA EM OUTONO: TRABALHADORES ESCRAVOS LIGADOS AO LABOR”⁷ de Rodrigo Caetano que as atividades econômicas do Piauí eram a pecuária (vacum e cavalar) e a agricultura, mas principalmente a pecuária. Caetano aponta informações relacionadas à prática de atividades do gênero agrícola em três municípios piauienses. Em 1876, dentre os indivíduos empregados nas atividades realizadas no município de Parnaíba, 64 eram pessoas livres, 120 estavam na condição de escravos. Dos indivíduos empregados nas atividades no município de Valença, 120 eram livres e quarenta eram escravos. Dos indivíduos empregados nos serviços no município de São Raimundo Nonato, 250 eram livres e 150 eram escravos. É possível perceber que na década de setenta do século XIX o trabalho realizado nos municípios citados era assentado predominantemente na mão de obra livre, ou seja, nesse período é possível observar uma transição da mão de obra escrava para a livre.

Analisando a tabela posta pelos relatórios dos presidentes da província, podemos ver o aumento (e algumas quedas) considerável do número de escravos do ano de 1762 à 1872.

⁷CAETANO, R. *Uma economia em outono: trabalhadores escravos ligados ao labor*. Guarulhos: Almanack, 2020.



Tabela 3 – Número de escravos

Ano	<i>Número de escravos entre homens e mulheres</i>
1762	4.644
1798	13.250
1830	12.534
1865	19.204
1871	19.015
1872	23.795

Fonte: Freitas, 1868; Souza Leão, 1871; Brasil, 1872.

Percebemos que apesar de em alguns anos haver a diminuição desses escravos, em uma visualização geral, a população cativa no Piauí teve um aumento significativo. Esse crescimento se deu de duas formas diferentes: endógeno e exógeno. O crescimento endógeno da população escrava correspondia ao nascimento de crianças dentro da província. Já o exógeno se dava quando havia deslocamento de trabalhadores escravos de outras áreas para o Piauí.

Quanto às relações físicas dos escravos, o historiador Odilon Nunes afirmava que era excelente a condição de escravo, sob todos os aspectos. No Piauí, havia maior natalidade e menor mortalidade de escravo⁸. Esse argumento pode ser validado se visto na época do processo do absenteísmo, onde os donos das fazendas não moravam nem

⁸ NUNES, Odilon. *Estudos de história do Piauí*. 2. ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2014.



administravam estas, geralmente eram administradas por vaqueiros. Mas Nunes não levou em conta as notícias de jornais onde escravos eram violentados de forma severa por seus senhores. Após a fase absenteísta, vigilância, controle e violência nas relações entre senhor e escravos tornaram-se mais firmes, levando o Monsenhor Chaves a afirmar que o período colonial e parte do imperial era caracterizado por submeter a vida dos escravos a um regime de ferro e fogo, com os castigos mais violentos e mais frequentes⁹.

Mairton Celestino da Silva mostra em sua dissertação “BATUQUE NA RUA DOS NEGROS: cultura e polícia na Teresina da segunda metade do século XIX”¹⁰, que os escravos eram recrutados a partir das Fazendas Nacionais. Eles eram encarregados pelo carregamento de pedras e madeiras para a construção dos prédios e residências da cidade, além disso esses escravos também tinham que suportar insuficientes rações diárias concedidas pela comissão encarregada das obras públicas. Isso foi a principal causa do descontentamento escravo na época. Essa chateação por parte dos escravos e todas as situações precárias para com os mesmos, os levou para a criação de roças. A posse de roças em Teresina durante o século XIX era uma atividade bastante comum. O fato de os escravos terem uma dieta alimentar fraca em nutrientes e as mudanças frequentes no preço da carne seca, do milho, da farinha de mandioca e do arroz, para não se tornarem reféns da alta demanda desses produtos locais, os escravos partiam para as margens dos rios Poti

⁹ CHAVES, Joaquim Ferreira (Monsenhor). *Obra completa*. Prefácio de Teresinha Queiroz. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

¹⁰ SILVA, M. *BATUQUE NA RUA DOS NEGROS: cultura e polícia na Teresina da segunda metade do século XIX*. Salvador, 2008.



e Parnaíba e faziam suas roças. Trabalhar na construção da cidade e ainda buscar tempo para cuidar das roças, não era uma tarefa fácil para os escravos, todavia, alguns escravos conseguiam possuir bens, e até ter outros escravos.

Entrando no âmbito cultural para com os escravos, Mairton trata acerca das festividades que existiam naquela época, e que era ausente a presença de conflitos costumeiros, principalmente na comemoração do aniversário do imperador, onde ricos e pobres, escravos e livres por um momento podiam esquecer os conflitos e as posições sociais que cada um ocupava. Monsenhor Chaves denomina essas festas como a festa que “povo divertia-se a valer”.

Imagem 1 – O Batuque em São Paulo



Fonte: O Batuque em São Paulo. c, 1817. Gravura de Jonhann Baptist Spix & Karl Von Martius



Para Chaves, os batuques, as danças de São Gonçalo, os sambas o bumbam-meu-boi, os busca-pés e os folguedos eram, a festa por excelência dos negros escravizados, libertos e pobres da cidade. Para a historiadora, Maria Mafalda Balduino as festas tinham a função de “reavivamento dos ânimos de sobrevivência”. As autoridades policiais, eclesiásticos e letrados definiam os eventos festivos dos negros como um ato de feitiçaria que estaria ligada ao fanatismo e a superstição popular de um povo pobre e analfabeto. Essa definição equivocada para com as festividades e religiões negras, é também perceptível nos dias de hoje. A religião da Umbanda é bem deturpada quando vista por povos sem conhecimento e empatia. O documentário “O que é Umbanda?” e também a dissertação “AS FACES DA UMBANDA NO PIAUÍ: política, festa e criminalidade”¹¹ (1960-1978) de Sabrina Verônica Gonçalves Lima, fazem a desmistificação desse olhar preconceituoso para com essa religião.

Finalizaremos aqui, tratando da liberdade e das alforrias dos escravos. Assunto que é explicitado de forma clara por Francisca Raquel da Costa em sua tese “ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO PIAUÍ OITOCENTISTA: ALFORRIAS, REESCRATIVIZAÇÃO E ESCRAVIDÃO ILEGAL DE PESSOAS LIVRES (1850-1888)”¹². Mary Karasch ao estudar as cartas de alforria para o Rio de Janeiro afirma:

A carta de alforria era a prova da liberdade de um escravo, introduzindo-o na vida precária de uma pessoa liberta numa sociedade escravista. No século XIX, a carta transferia o título de propriedade (o cativo) de senhor para escravo. Em

¹¹ LIMA, S. *As faces da umbanda no Piauí: política, festa e criminalidade* (1960-1978). Teresina, 2017.

¹² COSTA, F. *Escravidão e liberdade no Piauí oitocentista: alforrias, reescravização e escravidão ilegal de pessoas livres* (1850-1888). Fortaleza, 2017.



certo sentido, os escravos literalmente compravam-se ou eram doados para si mesmos. Uma vez que havia a transferência de propriedade, o ato tinha de ser documentado publicamente por um tabelião em um dos cartórios do Rio, que então registrava o título e emitia a carta de alforria, geralmente em presença do escravo, de seu dono (ou donos) ou do testamenteiro e de testemunhas. Posteriormente, o escravo recebia uma cópia extra da carta preservada no livro de notas do tabelião. (KARASCH, 2000, p. 439)¹³

Para alguns historiadores, o ato de conceder as alforrias, significava a comprovação do paternalismo dos senhores de escravos no Brasil. Para outros concessão da alforria teve significado relacionado com a garantia de menor prejuízo econômico para os senhores, pois na maioria das vezes os escravos alforriados já estavam velhos e sem condição de lidar com o trabalho exigido pelo sistema, destarte as alforrias garantiam aos senhores a não existência de gastos com os escravos que já não serviam para o trabalho, eximindo-se da responsabilidade para com esse escravo na velhice.

No Brasil, a prática de alforriar representava um ato jurídico no qual o senhor passava ao escravo o seu direito de posse e propriedade que aquele tinha sobre este. Para ser reconhecida oficialmente e legalmente pela sociedade, a carta de alforria deveria ser lavrada em cartório com os termos da concessão pelo senhor do escravo ou procurador deste. Geralmente, o documento era datado e assinado pelo proprietário, por testemunhas e pelo tabelião. No final do procedimento burocrático o senhor pagava os selos, legitimando o ato.¹⁴

Desse modo, cabe ressaltar que existiam diversos padrões de alforrias. As mesmas poderiam ser pagas pelo escravo, quando este conseguia acumular certo pecúlio com o

¹³ KARASCH, Mary C. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro, 1808-1850*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

¹⁴ COSTA, F. *Escravidão e liberdade no Piauí oitocentista: alforrias, reescravização e escravidão ilegal de pessoas livres (1850-1888)*. Fortaleza, 2017.



desenvolvimento de trabalhos extras ou gratuitos, concedidas por senhores e senhoras de escravos. As alforrias gratuitas ainda podiam ser condicionais ou incondicionais.

Considerações Finais

Conclui-se que os aspectos das africanidades constituídas no universo dos diálogos atlânticos e sua chegada em terras brasileiras, marcaram incontestavelmente, o período escravista no Piauí, assim como multiplicidade de experiências históricas e as especificidades piauienses no debate sobre a formação de identidades culturais afro-brasileiras foram de suma importância para a construção da historiografia piauiense. Acarretando e influenciando até os dias atuais na nossa cultura e sociedade. Não podemos nunca esquecer, que a luta e a resistência desses povos, nos fizeram livres hoje, e com uma vasta riqueza cultural.